

**EDITORIAL****A DEFESA DA LÍNGUA**

Dr. Antônio Gomes da Costa

O Brasil e Portugal deveriam ter uma política comum na promoção e na difusão da língua. Obteriam melhores resultados e a custos divididos, por exemplo, no financiamento de cátedras de Português e de Literatura Brasileira e Portuguesa que funcionam junto a várias universidades estrangeiras.

Não existe, entretanto, essa articulação. Cada país segue sua própria política, quase sempre condicionada pela existência das verbas do orçamento da República, ou, quando os governos ficam de fora, apoiada no mecenato de alguma instituição privada que chamou a si o encargo de cuidar do Idioma e da cultura nacional em terra alheia. Faz-se pouco ou quase nada a quatro mãos.

Ainda no começo deste ano assistiu-se a um episódio na França que demonstra como falta coordenação entre os dois países quando se trata de defender a Língua. Referimo-nos à decisão das Autoridades de Paris de suprimir a cátedra de Língua Portuguesa na Universidade da Sorbonne.

A cátedra funcionou durante muitos anos e por ela passaram intelectuais de grande relevo, como Leon Bourdon, Paul Teyssier, Marie Helene Piwnik e Michel Giudicelli. Com a aposentadoria deste último, o ministro da Educação e o reitor da universidade teriam decidido sacrificá-la e deixado apenas a funcionar a cátedra de Espanhol. Pois a reação que se viu foi uma reação isolada, apenas do lado português, com protestos e críticas, quando, a nosso ver, também o Brasil deveria ter-se empenhado para que o ensino da Língua Portuguesa continuasse na grelha dos programas universitários em França. Até porque vários professores e leitores da Sorbonne são, ou já foram, de nacionalidade brasileira. E, juntos, os dois países teriam mais força política para demover o governo francês de seu propósito de eliminar o ensino do Português.

Colocando de parte este episódio – que, segundo consta, pode repetir-se na Universidade de Humboldt de Berlim, onde, depois de 90 anos, a cátedra da

Língua Portuguesa também está ameaçada de ser fechada – o que está faltando em nosso entender é uma estratégia combinada entre o governo do Brasil e o de Portugal para o ensino e a projeção da língua em terceiros países. Até agora, cada um opera sozinho – e de acordo com suas possibilidades. Os resultados, talvez por isso, são mais modestos – e o que se vê é a concorrência e a expansão crescente do Castelhana por toda parte.

Não se pergunte sobre a soma de recursos que anualmente são investidos pelo governo de Madrid nessa área – e o quanto gastam o governo brasileiro e o governo português em ações no exterior para difundir a Língua e a cultura nacional. Não há comparação. E por isso, não nos deve surpreender se nos próximos anos o ensino do Espanhol vier a substituir inteiramente o ensino do Português nos Departamentos de estudos ibéricos, ou de estudos latino-americanos.

Pelo menos, se Brasília e Lisboa combinassem esforços e juntassem recursos, numa estratégia concertada, poderiam melhorar a defesa e a promoção da Língua Portuguesa no mundo. a começar pelos próprios espaços da lusofonia em África e junto às diversas diásporas, onde a primeira e a segunda geração podem ainda ser condutos naturais para a manutenção e a prática do idioma de Camões. Por outro lado, não podemos esquecer que o peso de falantes do Brasil e o fato do país ser uma potência econômica, são dois fatores decisivos para despertar interesses que não sejam meramente acadêmicos para se aprender português em diversas partes do mundo. isso já sem referir que é a língua de berço de comunidades que somam milhões de pessoas de diversas etnias e cruzamentos culturais espalhadas por todos os continentes.